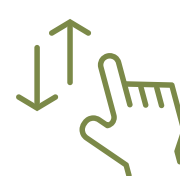
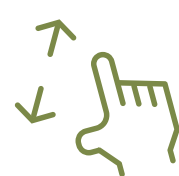


Viver bem

O maior canal de saúde do RN

Ano 7 - Edição 88, agosto 2026

Assista aos vídeos, clique nos links e aproveite o conteúdo da nossa revista **100% interativa!**



UM MÉDICO NO PULSO

Fundada pelo hematologista Cláudio Macedo, a Vigidoc monitora pacientes a distância para antecipar complicações.

Clique em cima do anúncio
e veja mais!



SESI CLÍNICA

É PARA INDÚSTRIA. E TAMBÉM PARA TODOS!



- Profissionais qualificados e tecnologia avançada;
- Consultas e exames de várias especialidades;
- Atendimento de excelência e valores acessíveis.

Agendamentos
☎ **3220.0455**

@@sesirn

SESi 80
anos
Unidades: Natal, Mossoró e Calço

U
ver
bem

Um olhar atento aos sinais

A medicina avança quando a tecnologia consegue fazer algo essencial: ampliar a capacidade humana de perceber, compreender e agir. Nesta edição da VB Digital, diferentes reportagens convergem para um mesmo ponto: informação qualificada, no momento certo, pode mudar trajetórias.

Nossa capa apresenta a Vigidoc, iniciativa criada no Rio Grande do Norte que busca ocupar um espaço decisivo entre a consulta e a urgência. Ao monitorar sinais vitais de pacientes fora do ambiente hospitalar, a proposta mostra como dados podem se transformar em alertas e, sobretudo, em cuidado. A inovação ganha ainda mais sentido quando não pretende substituir o profissional, mas aproximá-lo do paciente.

Também voltamos nosso olhar para a infância. Na gastropediatria, mostramos por que a doença celíaca exige diagnóstico correto antes da retirada do glúten e como sintomas aparentemente dispersos podem esconder uma condição que acompanhará o paciente por toda a vida. Na fonoaudiologia, apresentamos um transtorno ainda pouco conhecido: o da comunicação social, lembrando que falar corretamente não significa, necessariamente, conseguir interpretar todas as sutilezas de uma conversa.

São temas distintos, mas unidos pela mesma ideia: perceber sinais importa. Um número alterado no monitor, uma anemia persistente, uma dificuldade recorrente de interação podem parecer detalhes isolados. Para profissionais preparados, entretanto, podem ser o começo de uma investigação capaz de fazer diferença.

É esse olhar que a VB Digital procura levar ao leitor: uma saúde cada vez mais tecnológica, multidisciplinar e precisa, sem perder aquilo que nenhuma inovação deveria deixar para trás: o cuidado humano.

 @guiaviverbem 

 @TvViverBem 

 guiaviverbem.com.br 




Clique em links e anúncios


Dimensione com os dedos


Arraste para os lados


Deslize verticalmente


Avance ou retorne

Clique em cima do anúncio
e veja mais!



FORMAMOS BONS CRISTÃOS E HONESTOS CIDADÃOS



- ✓ Ensino Médio com sistema **Bernoulli**
- ✓ **Excelência** em projetos acadêmicos
- ✓ Desenvolvimento **humano e emocional**
- ✓ Esportes, arte e cultura
- ✓ **Formação integral** em todas as fases

Da **Educação Infantil** ao **Ensino Médio**, cada aluno é preparado com base no amor, na razão e na fé, unindo conhecimento, valores e propósito.



salesianorn.com.br



Unidade São José
(84) 3211-4220



Unidade Dom Bosco
(84) 3608-1694

Uver
bem

#Capa



A Vigidoc surgiu para acompanhar a distância pacientes oncológicos, com monitoramento dos sinais vitais em casa e suporte médico diante de alterações.

Entre a consulta e a urgência, um alerta

Idealizada pelo hematologista Cláudio Macedo, a Vigidoc monitora sinais vitais de pacientes fora do hospital e quer transformar alterações silenciosas em informação capaz de antecipar a intervenção médica

Imagine terminar uma sessão de quimioterapia, voltar para casa e, horas depois, o organismo começar a dar sinais de que algo não vai bem. A temperatura sobe. A saturação muda. A frequência cardíaca se altera. O paciente, porém, pode não perceber ou não saber se aquilo merece preocupação. Quando entende que há um problema, talvez a próxima parada já seja o pronto socorro.

É justamente nesse intervalo, entre sair do consultório e precisar de atendimento de urgência, que a Vigidoc pretende atuar. Criada pelo hematologista Cláudio Macedo, a primeira empresa potiguar de monitoramento remoto acompanha pressão arterial, temperatura, oxigenação e frequência cardíaca de pacientes em casa, com uma central médica preparada para receber alertas quando os parâmetros apresentam alterações.



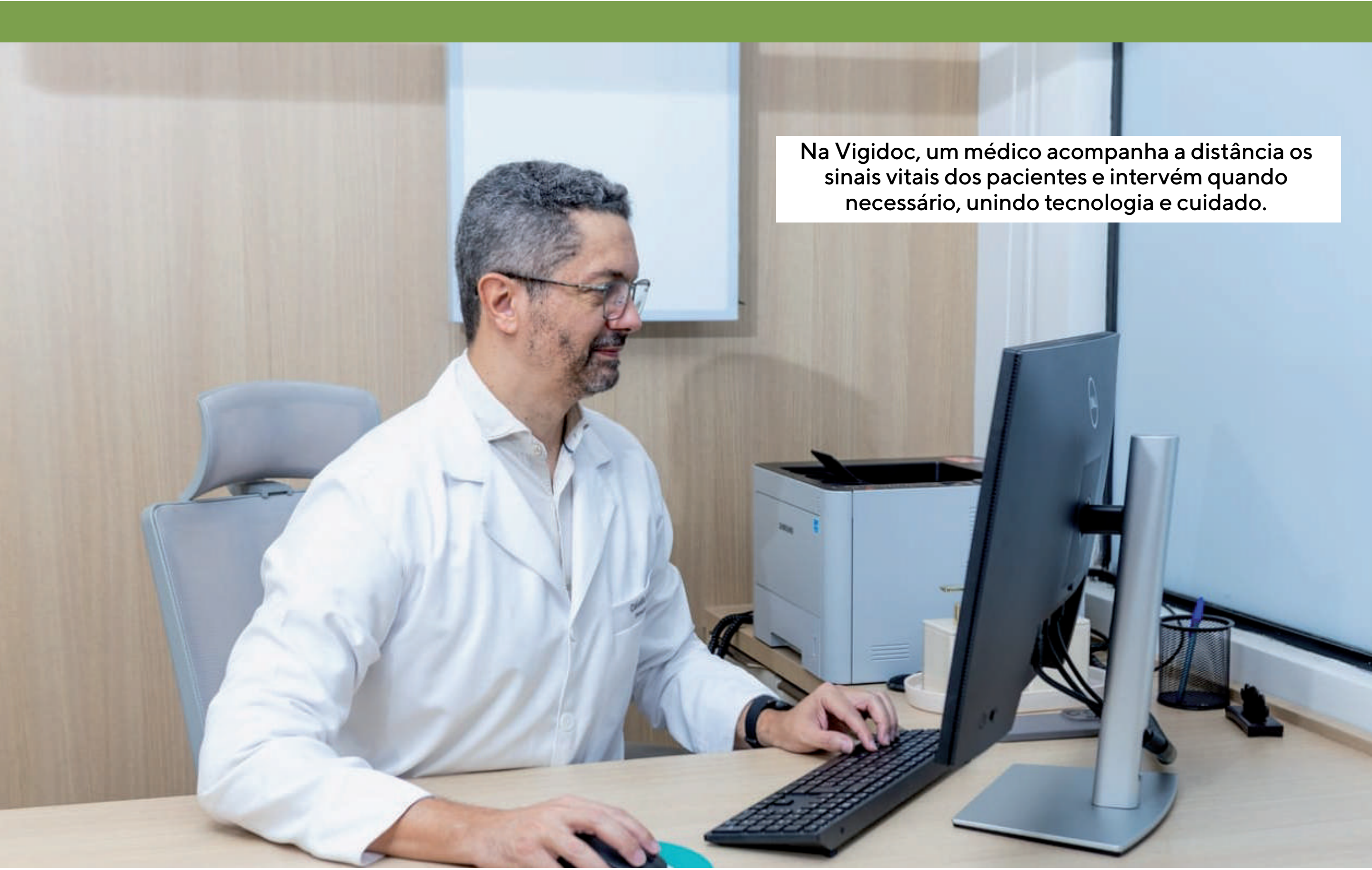
O hematologista Cláudio Macedo, fundador da Vigidoc, aposta no monitoramento remoto para antecipar complicações e ampliar o cuidado com os pacientes.

A ideia começou em 2019, antes da pandemia, numa conversa entre Claudio Macedo e um colega ligado à tecnologia. Os custos fizeram o projeto ser engavetado mais de uma vez. Até que o médico decidiu retomá-lo. “É daquelas coisas que batem no seu coração e a gente fica querendo colocar para frente porque sabe que é importante”, conta.

O ponto de partida são os pacientes oncológicos. Depois da quimioterapia, náuseas, vômitos, diarreia e dores podem surgir em casa. Outros sinais exigem atenção ainda maior. “A febre num paciente oncológico é muito perigosa. Quando isso não é detectado rapidamente, pode se agravar e colocar em risco a vida do paciente”, afirma o hematologista.

Hoje, o paciente recebe um kit para aferir quatro sinais vitais e inserir as informações em um aplicativo. Os dados chegam a uma central e, diante de uma alteração, um médico da Vigidoc recebe o alerta e entra em contato para avaliar a situação. O médico assistente também pode ter acesso ao histórico, desde que paciente e profissional concordem.

O próximo passo é tornar esse processo praticamente invisível. A proposta do chamado Vigidoc 2.0 é usar um bracelete capaz de coletar e transmitir automaticamente os dados, dispensando a digitação pelo paciente. “Basta que o paciente utilize o relógio e ele automaticamente coleta os dados e envia para a central”, explica o médico.



Na Vigidoc, um médico acompanha a distância os sinais vitais dos pacientes e intervém quando necessário, unindo tecnologia e cuidado.

TECNOLOGIA COM ALGUÉM DO OUTRO LADO

Para Dr. Claudio Macedo, porém, transformar o relógio em protagonista seria perder justamente a parte mais importante da proposta. O dispositivo coleta. O sistema alerta. Mas é uma pessoa que precisa interpretar e agir.

“Não basta você só colocar a tecnologia. Eu tenho que ter um braço, um lado humano por trás”, diz. A central funciona 24 horas. “Esse lado humano, quando é associado à tecnologia, é que gera valor.”

Esse acompanhamento também tenta responder à insegurança de quem inicia um tratamento contra o câncer e ainda não conhece as reações do próprio organismo. O hematologista costuma traduzir esse momento com uma frase que repete no consultório: “Dona Maria, tem muito linfoma e pouca Maria hoje. Eu quero que isso fique ao contrário. Eu quero que fique muita Maria e nada de linfoma.”

A empresa ainda é jovem, e o próprio fundador ressalta que seus resultados não formam uma base estatística robusta. Ainda assim, afirma que algumas internações já foram prevenidas entre os pacientes monitorados. “Um paciente que você conseguiu evitar uma internação, por exemplo, já valeu a pena”, comemora.

O impacto pretendido também chega à conta da saúde. Em uma estimativa feita pela empresa para pacientes de um plano de saúde de Natal, o monitoramento de cada grupo de 100 pessoas poderia representar economia próxima de R\$ 1 milhão por ano, já considerando o custo do serviço. Claudio Macedo ressalta que se trata de uma projeção sujeita a diferentes variáveis e estima que entre 40% e 50% desses pacientes poderiam ter internações evitadas.



O monitoramento remoto pode antecipar alterações, evitar internações e reduzir custos.

Embora a oncologia seja o ponto de partida, o horizonte é mais amplo. Cardiopatas, pacientes renais e gestantes de alto risco estão entre os grupos que, segundo o médico, poderão se beneficiar da estratégia mediante protocolos específicos.

E ele projeta algo ainda maior: um futuro em que dispositivos pessoais acompanhem continuamente indicadores de saúde e compartilhem esses dados com profissionais. “Eu acredito que o futuro será cada um ter o seu dispositivo e disponibilizar para o profissional de saúde como estão os seus dados.”

Nesse cenário, o relógio deixa de servir apenas para contar passos ou mostrar as horas. No pulso, poderá existir uma espécie de sentinela silenciosa. Mas, na visão do Dr. Claudio Macedo, a verdadeira transformação não estará apenas no sensor. Estará na combinação entre dados, atenção permanente e alguém preparado para agir quando um número disser que alguma coisa mudou.



@vigidoc



www.vigidoc.org

CLIQUE AQUI

**E TENHA ACESSO AO PODCAST
SOBRE A MATÉRIA**

**Monitoramento remoto
pode evitar internações?
Tecnologia acompanha
pacientes com câncer 24 horas**



Clique em cima do anúncio
e veja mais!



**Há mais de
40 anos cuidando
da sua saúde com
confiança e excelência.**



ONDE NOS ENCONTRAR:

Av. Campos Sales, nº 694 - Tirol

☎ (84) 3211- 5093

Av. Miguel Castro, nº 1095 - Lagoa Nova

☎ (84)3206-5096

PARA MAIS INFORMAÇÕES:

☎ **84 98153-4044**



labflemingnatal.com.br

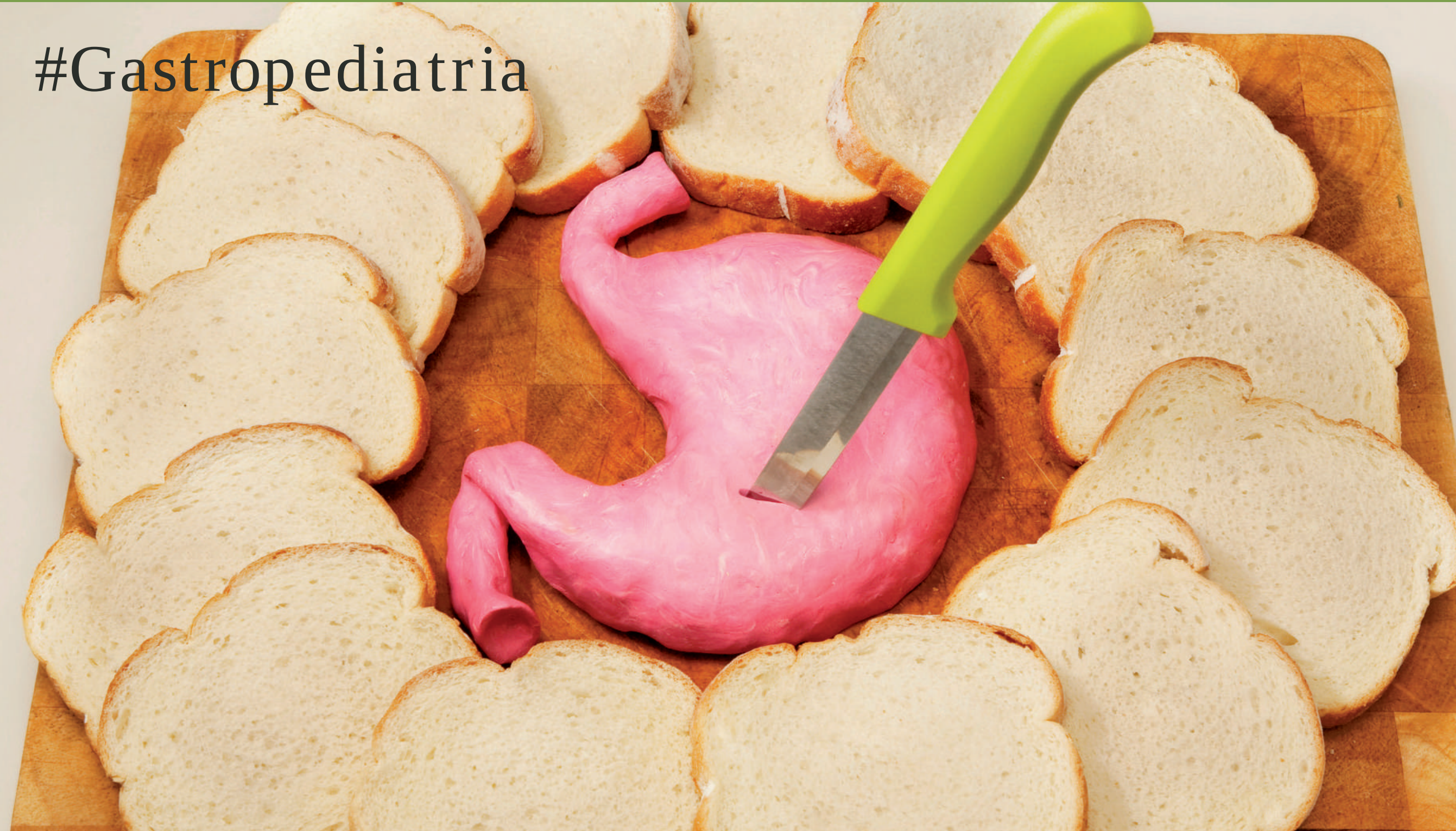
lafnatal@gmail.com

PARA SEGUIR:

📷 f
@lafnatal

**Uver
bem**

#Gastropediatria



O glúten, presente em alimentos como pães feitos com trigo, desencadeia uma resposta imunológica em pessoas com doença celíaca, provocando lesões no intestino e comprometendo a absorção de nutrientes.

Quando o glúten vira um problema

Doença celíaca pode se manifestar com dor abdominal, anemia e dificuldade de crescimento; especialistas alertam que retirar o glúten sem diagnóstico pode mascarar o problema

Dor abdominal recorrente, anemia que não melhora, dificuldade para ganhar peso ou crescer. Na infância, esses sinais podem levantar a suspeita de doença celíaca — mas nem sempre ela dá pistas tão claras. Há crianças sem qualquer sintoma, o que torna o diagnóstico um dos principais desafios para pediatras e famílias.

A doença celíaca é uma condição imunomediada, associada à predisposição genética e desencadeada pelo glúten presente no trigo, cevada e centeio. Segundo o gastropediatra **Hélcio de Souza Maranhão**, professor do Departamento de Pediatria da UFRN, o organismo do celíaco reage à proteína e desencadeia um processo que atinge principalmente o intestino.

“É uma doença que tem um componente genético, um componente imunológico e um componente ambiental, que é o glúten”, explica Maranhão. A estimativa apresentada pelo médico é de um caso para cada 600 a mil pessoas.

As manifestações são variadas. Além de sintomas gastrointestinais, a doença pode estar por trás de anemia persistente e alterações no desenvolvimento infantil. “Às vezes, a criança não tem sintoma nenhum”, ressalta o gastropediatra. Por isso, parentes de primeiro grau de pacientes diagnosticados também devem ser investigados.



A exclusão do glúten é parte essencial do tratamento da doença celíaca e deve ser mantida de forma rigorosa, inclusive na infância. A orientação adequada ajuda a criança e a família a adaptar a alimentação com segurança.

A avaliação pode incluir exames de anticorpos, como anti-transglutaminase e antiendomísio, e, em determinadas situações, biópsia do intestino delgado. Maranhão chama atenção para um cuidado essencial: não retirar o glúten antes da investigação médica. A exclusão antecipada pode interferir nos exames e dificultar a confirmação da doença.

Depois do diagnóstico, entretanto, a recomendação muda completamente. “O tratamento é a dieta isenta de glúten para o resto da vida”, afirma Maranhão. Não basta reduzir. Mesmo pequenas exposições podem provocar resposta imunológica e manter a agressão ao intestino.



Para a nutricionista clínica Ana Suely de Andrade, com 30 anos de atuação no Hospital Universitário Onofre Lopes, o tratamento exige atenção também fora de casa. Escola, festas, restaurantes e até o preparo doméstico podem representar risco de contaminação cruzada.

Ela também alerta contra a transformação do glúten em vilão para toda a população. “Se eu não tenho a intolerância, se eu não sou celíaca, então não tem problema”, afirma. Para quem apresenta desconfortos recorrentes, o caminho é investigar a causa, e não iniciar restrições por conta própria.



A **V Jornada Norte-Rio-Grandense de Gastroenterologia Pediátrica**, nos dias **18 e 19 de setembro**, reunirá pediatras, gastropediatras, nutricionistas e outros profissionais de saúde.

A doença celíaca ganhará uma mesa-redonda sobre novidades no diagnóstico. **“Hoje temos critérios que permitem, em algumas situações, fazer o diagnóstico sem precisar da biópsia”**, destaca Hércio Maranhão.

A programação também discutirá alimentação nos primeiros anos de vida, alergia à proteína do leite de vaca, intolerância à lactose e doenças inflamatórias intestinais, entre outros temas da saúde digestiva infantil.

link Inscrições Jornada: <https://medevento.com.br/jgnp/>

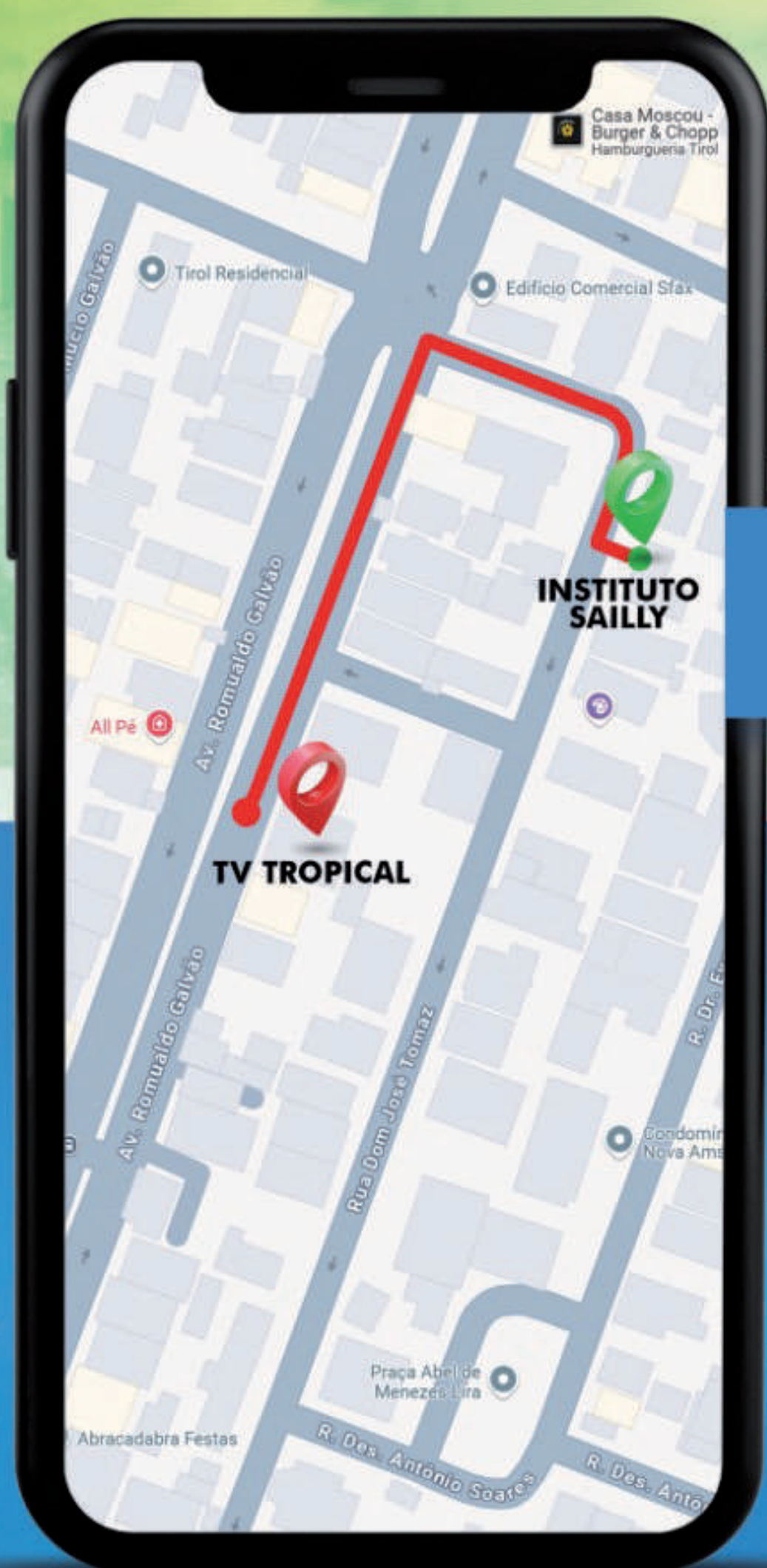


CLIQUE AQUI

E TENHA ACESSO AO PODCAST SOBRE A MATÉRIA
Doença celíaca na infância: sintomas, diagnóstico e como retirar o glúten com segurança



Clique em cima do anúncio
e veja mais!



**O INSTITUTO SAILLY
AGORA FAZ PARTE
DO HPSM,
CONFIRA NOSSO
NOVO ENDEREÇO.**



Rua Dom José Tomaz, 999
Tirol, Natal - RN
(Por trás da TV Tropical/ Record)

**O 1º Hospital-dia em
Saúde Mental do RN**

Referência em tratamentos
para depressão resistente!

- Consultas Psiquiátricas
- Internação em Hospital-Dia para tratamentos de transtornos mentais
- Aplicação de medicamentos especializados

Atendemos planos de saúde!



Informações: (84) 99149-1232

#Oncologia



O laço branco simboliza a campanha Agosto Branco, que reforça a conscientização, a prevenção e o diagnóstico precoce do câncer de pulmão.

Agosto Branco reforça importância do diagnóstico precoce

Oncology Group reúne especialistas para discutir rastreamento e avanços no tratamento do câncer de pulmão

Mais de 35 mil brasileiros devem receber, a cada ano, o diagnóstico de câncer de pulmão no triênio 2026-2028. Apesar de o cigarro continuar como principal fator de risco, a doença também pode atingir quem nunca fumou. Para ampliar a conscientização sobre prevenção, diagnóstico e tratamento, o Oncology Group reuniu especialistas em Natal durante a campanha Agosto Branco.

A oncologista Danielli Matias, anfitriã do encontro, destacou o rastreamento como uma das principais estratégias para encontrar a doença precocemente. A tomografia de tórax de baixa dose é o exame indicado para essa finalidade entre pacientes que atendem aos critérios de risco.



Equipe multidisciplinar do Oncology Group participa de atualizações científicas e discussões de casos para aprimorar a assistência aos pacientes.

A preocupação se justifica pelo diagnóstico tardio. Segundo Danielli, mais de 80% dos cânceres de pulmão são descobertos em estágio avançado. “Quando você diagnostica precocemente, aumenta as chances de cura”, afirma.

A pneumologista Natália Palla alerta que os sintomas podem ser pouco específicos e aparecer tardiamente. Tosse, expectoração, falta de ar e cansaço podem estar relacionados a diferentes doenças pulmonares, enquanto sangue no escarro e perda de peso merecem atenção especial.

Por isso, o rastreamento ganha importância entre pessoas com histórico de tabagismo. Natália cita como referência pacientes entre 50 e 80 anos e uma carga tabágica em torno de 20 maços-ano. A especialista também chama atenção para outros fatores de risco, como cigarro eletrônico e determinadas exposições ocupacionais.

Os tratamentos também avançaram. Danielli destaca a medicina de precisão, com terapias direcionadas e medicamentos orais, além da imunoterapia, que ampliou as possibilidades terapêuticas.



Dra. Danielli Matias, oncologista e sócia do Oncology Group, destaca que o diagnóstico precoce do câncer de pulmão aumenta as chances de cura.



Cardiologistas, pneumologistas e oncologistas participaram do encontro promovido pelo Oncology Group para conhecer e discutir as novidades no diagnóstico e tratamento do câncer de pulmão.

Quando o tumor é identificado no início, a cirurgia pode ter intenção curativa. A cirurgiã torácica Mariana Vale ressalta que o rastreamento permite encontrar pacientes em estágios nos quais a operação oferece melhores perspectivas de cura.

O cirurgião torácico Hylas Ferreira destaca, por sua vez, a evolução das técnicas utilizadas em Natal. As cirurgias abertas por toracotomia deram espaço à videocirurgia e agora avançam para a cirurgia robótica, com profissionais em processo de certificação para utilização da nova tecnologia.

Ao reunir diferentes especialidades, o Oncology Group buscou também atualizar profissionais sobre a jornada do paciente. A mensagem do Agosto Branco é direta: combater o tabagismo permanece fundamental, mas diagnosticar cedo pode ampliar as possibilidades de tratamento e cura.



CÂNCER DE PULMÃO

— EM NÚMEROS —



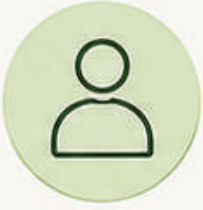
+ de 35 mil

novos diagnósticos estimados por ano no Brasil no triênio 2026-2028.



+ de 80%

dos casos são diagnosticados em estágio avançado, segundo Danielli Matias.



50 a 80 anos

faixa etária citada por Natália Palla ao abordar o rastreamento de pessoas com histórico de tabagismo.



20 maços-ano

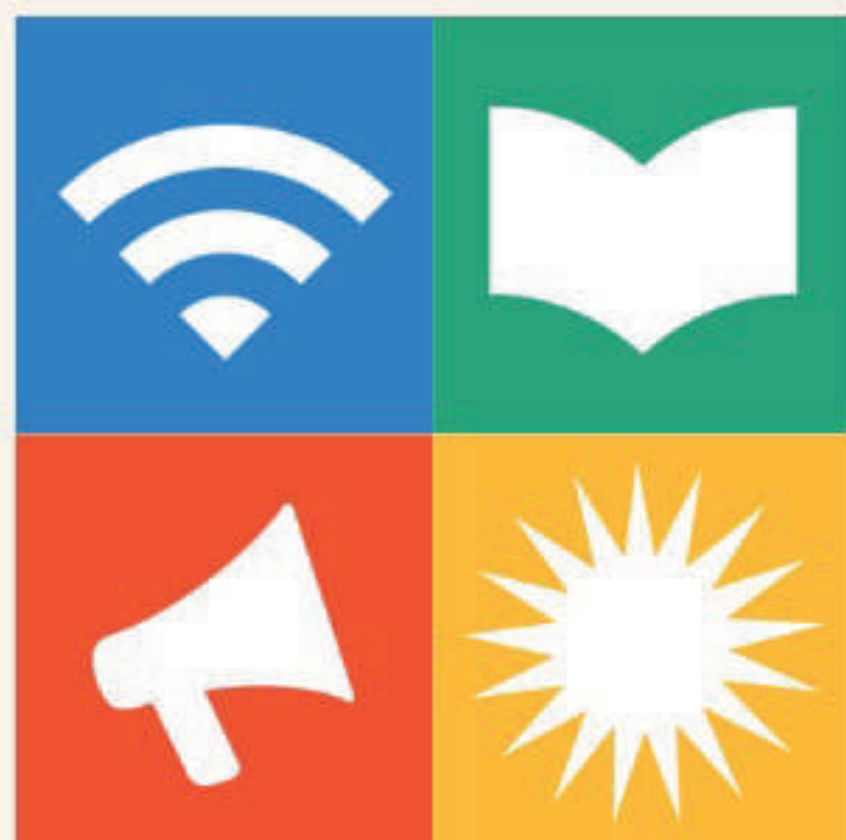
carga tabágica aproximada mencionada como um dos critérios de avaliação para o rastreamento.



RASTREAMENTO:
tomografia de tórax de baixa dose.



Clique em cima do anúncio
e veja mais!



VIII Congresso Internacional & XXVIII Brasileiro da ABENEPI

GERAÇÕES (DES)CONNECTADAS

Os impactos da Era Digital na Infância, Adolescência
e os Desafios para Saúde, Educação e Famílias.

28 a 31 de outubro de 2026 • Natal • RN

Congresso
ABENEPI 2026!



Inscreva-se em:

congressoabenepi2026.com.br



28 a 31 de outubro • Natal/RN

Uiver
bem

#Fonoaudiologia



A avaliação fonoaudiológica é fundamental para identificar dificuldades no uso social da linguagem e orientar estratégias de intervenção para cada criança.

Falar bem não é o mesmo que se comunicar bem

Pouco conhecido, transtorno da comunicação social pode dificultar conversas, amizades e compreensão de ironias; avaliação especializada ajuda a diferenciar quadro de autismo e TDAH

Uma criança pronuncia corretamente as palavras, constrói frases e aparentemente fala como qualquer outra da mesma idade. Ainda assim, não sabe a hora de entrar numa conversa, tem dificuldade para perceber ironias, adaptar a fala ao interlocutor ou compreender regras implícitas das relações sociais. Esses podem ser sinais do transtorno da comunicação social, condição ainda pouco conhecida por famílias e até confundida com outros transtornos do neurodesenvolvimento.

A fonoaudióloga Natália Rossi, da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), explica que a dificuldade central não está necessariamente na fala. “A base desse transtorno não está relacionada com dificuldades na articulação dos sons”, afirma. O problema está no uso social da linguagem, a chamada competência pragmática: saber iniciar e sustentar uma conversa, respeitar a troca de turnos, ajustar a comunicação ao interlocutor e compreender elementos como a prosódia — a “melodia” da fala que ajuda a identificar, por exemplo, uma ironia.



Crianças com Transtorno da Comunicação Social podem falar corretamente, mas apresentar dificuldades no uso da linguagem durante as interações sociais.

O diagnóstico ganhou maior visibilidade a partir de 2013, quando o transtorno passou a integrar uma classificação diagnóstica entre os transtornos da comunicação. A identificação exige uma avaliação cuidadosa, inclusive porque algumas características podem lembrar o transtorno do espectro autista (TEA) ou aparecer em crianças com TDAH.

Natália ressalta, porém, que transtorno da comunicação social e autismo são diagnósticos distintos. No TEA, além dos prejuízos de comunicação e interação social, existem critérios relacionados a comportamentos restritos e repetitivos. “Nunca o diagnóstico de transtorno da comunicação social pode ser dado junto com o transtorno do espectro autista”, explica.

As consequências podem aparecer justamente onde a linguagem se torna mais necessária: na convivência. Uma criança pode querer brincar e fazer amigos, mas não

dominar as regras que permitem manter essa interação. “Ela tem essa busca pela interação. Ela só não consegue usar essas regras e acabam impactando nas suas interações”, diz a especialista.

Com o passar dos anos, as dificuldades podem alcançar também o ambiente escolar e a linguagem escrita. Segundo Natália, problemas para interpretar intenções e significados na comunicação oral podem se refletir frequentemente na interpretação de textos.

Por isso, sinais persistentes não devem ser tratados apenas como uma fase. “Não dá para a gente arriscar, falar assim: faz parte, vai demorar um pouquinho”, alerta. O fonoaudiólogo tem papel central na avaliação e na intervenção, que busca desenvolver estratégias de comunicação e minimizar impactos nas relações e na aprendizagem.

Congresso da ABENEPI amplia o olhar sobre desenvolvimento infantil

O Congresso da ABENEPI, que será realizado em Natal, em outubro, terá o transtorno da comunicação social entre os assuntos discutidos. Natália Rossi participará do evento abordando o tema.

Para a fonoaudióloga, encontros científicos multidisciplinares permitem que diferentes profissionais observem um mesmo fenômeno sob perspectivas complementares. “Quando nós temos vários profissionais aprendendo sobre o mesmo assunto, quem ganha [...] também é o paciente”, destaca.

A especialista considera o congresso uma oportunidade para ampliar o conhecimento sobre uma classificação diagnóstica ainda recente e transformar a discussão científica em melhores práticas de avaliação e intervenção. “O Congresso é sempre um lugar oportuno para que a gente faça esse tipo de troca de ciência para que a gente possa transferir isso para a sociedade”, afirma.



A fonoaudióloga Natália Rossi, da Universidade de São Paulo explicou tudo sobre o Transtorno da Comunicação Social no podcast Viver Bem

Clique em cima do anúncio
e veja mais!



É POSSÍVEL SIM

CTF- ASSESSORIA ESPORTIVA

- ➔ NATAÇÃO EM ÁGUAS ABERTAS
- ➔ TREINO FUNCIONAL
- ➔ CORRIDA DE RUA
- ➔ CICLISMO
- ➔ TRIATHLON
- ➔ AQUATHLON
- ➔ BIKE FIT
- ➔ PERSONAL TRAINER
- ➔ PREPARAÇÃO FÍSICA PARA CONCURSOS



@CTF_BR



84 98167-1139



WWW.CTFNATAL.COM.BR

